

A vocação agrícola em construção: o olhar de José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho para o açúcar

The construction of agricultural vocation: the view of José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho for sugar

Roberta Barros Meira

*Professora da Universidade da Região de Joinville (Univille), vinculada ao programa de estágio pós-doutoral do PNPd/Capes
rbmeira@gmail.com*

Resumo Em 1791, ano da publicação da obra de dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, intitulada *Memória sobre o preço do açúcar*, o açúcar produzido no Brasil já sofria uma forte concorrência. Este texto analisa escritos de Azeredo Coutinho e a forte influência das correntes de pensamento voltadas para a valorização da agricultura como a maior riqueza da Colônia neste momento. Também se discute o interesse da grande lavoura sacarina presente na fala desses homens, herdeiros de grandes proprietários e agricultores e que formariam uma base de intelectuais. Analisa-se os debates sobre a necessidade de se modernizar a produção açucareira neste momento, uma vez que se defendia que o Brasil podia contar com vantagens naturais excepcionais em relação aos seus rivais.

Palavras Chaves: Açúcar, Vocação Agrícola, Tecnologia.

Abstract: In 1791, the year of publication of the work of José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, entitled *Memoir on the price of sugar*, sugar produced in Brazil has already suffered strong competition. This paper analyzes the writings of Azeredo Coutinho and the strong influence of currents of thought focused on the appreciation of agriculture as a greater wealth of the Colony at that time. It also discusses the interests of major producers of sugar presented in the speech of these men, heirs of large landowners and farmers that would form an intellectual base. It analyzes the debates on the need to modernize the sugar production at this point, since it is argued that Brazil had exceptional natural advantages over its rivals.

Keywords: Sugar, Agricultural Vocation, Technology.

Introdução

Quando aquele que mais tarde se tornaria o Bispo de Olinda, José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, tratou de uma importante atividade econômica como o açúcar, apresentou um conjunto de questões tão bem observadas que nortearam o espaço açucareiro por um longo tempo. Os interesses em relação ao açúcar eram coincidentes com os interesses da sua família. Azeredo Coutinho¹, nascido em 1742, era o filho mais velho de uma família abastada de São Salvador dos Campos dos Goytacazes e assumiu por algum tempo os negócios familiares. As aspirações intelectuais que o levaram a cursar a Universidade de Coimbra, obtendo a licenciatura em direito canônico, foram unidas assim à preocupação em dinamizar e modernizar a produção açucareira na Colônia.²

Ora, Azeredo Coutinho fez parte da chamada Geração de 1790, que tratava justamente de implementar as ideias ilustradas em proveito da administração do Império português. Esse grupo estava bem atualizado em relação ao que pensavam e faziam os intelectuais em outros países, assim como com a produção científica mais recente, sobretudo no campo da agricultura. E, mais ainda, publicavam seus trabalhos em Portugal. Vê-se, assim, como foi possível criar entre a metrópole e a colônia espaços e redes de sociabilidade científica pelos quais se ampliava o ambiente intelectual voltado para o estímulo da agricultura. Um exemplo seriam as discussões acerca dos planos de introdução de melhorias técnicas na agricultura que fizeram parte das discussões, não só no ambiente português, mas também no Brasil - como por exemplo, as encontradas nas

32

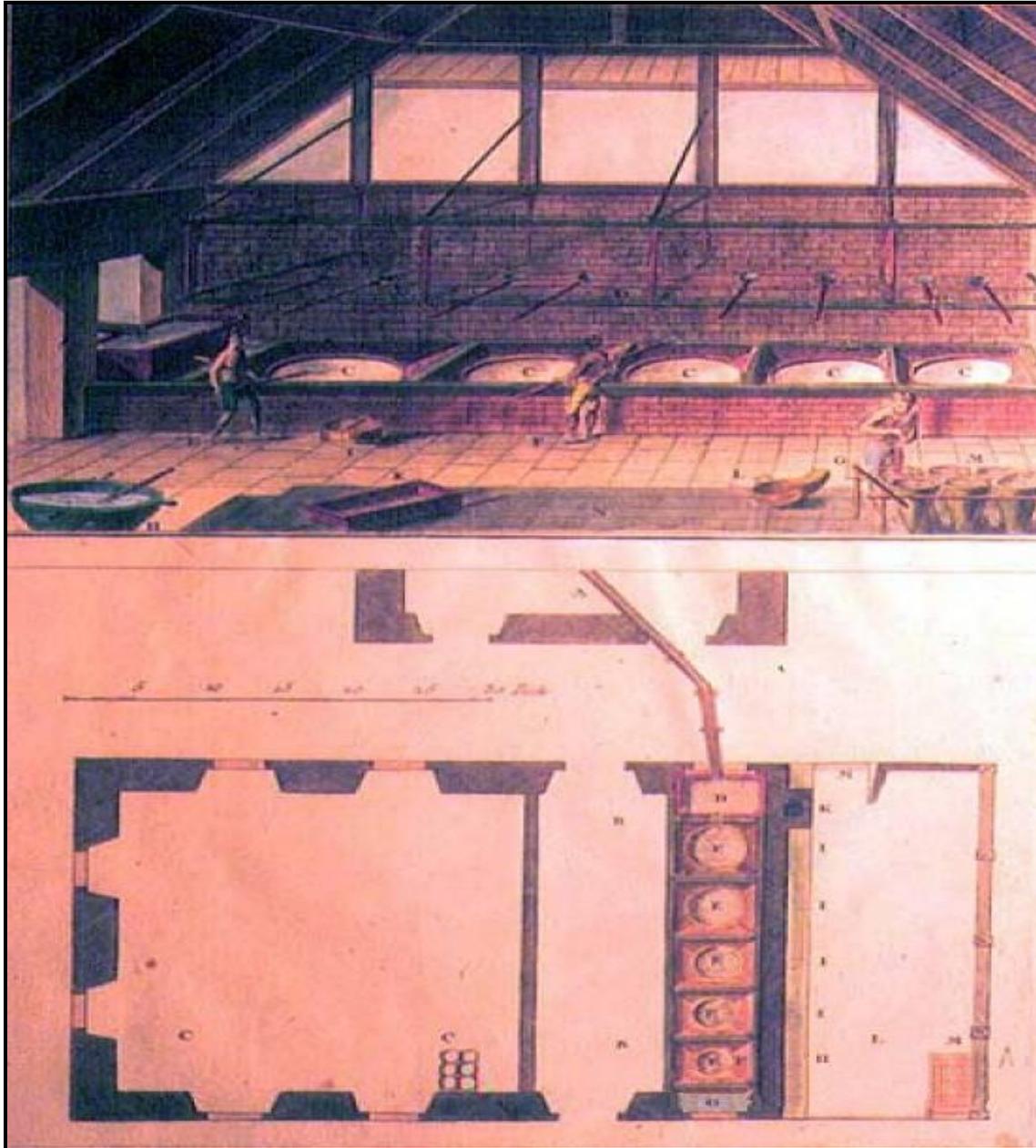
¹ José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho nasceu em São Salvador dos Campos dos Goytacazes em 1742, primogênito de Sebastião da Cunha Coutinho Rangel e Isabel Sebastiana Rosa de Moraes. Depois da morte dos seus pais assumiu os negócios da família, travando contato mais direto com a vida rural e vivenciando suas prementes necessidades. Aos trinta anos, cedeu a administração da fazenda a seu irmão Sebastião e seguiu para Coimbra, onde se matriculou em 1775, formando-se três anos mais tarde em filosofia e em 1780 em direito. Licenciado em Cânones algum tempo depois e nomeado bispo de Pernambuco em 1794, tendo sido anteriormente Arcediago no Rio de Janeiro e deputado do Santo Ofício. Em 1799 chega à diocese. Além de prelado, assumiu interinamente o Governo da Capitania, na ausência do Governador D. Tomás José de Melo. Entre as realizações do seu bispado está a fundação do Seminário de Olinda e a abertura de uma estrada de comunicação dos sertões de Pernambuco à praça de Olinda, pela parte do Sul. Nomeado Bispo de Miranda e Bragança, suas atividades decorrem longe do Brasil. Em 1806 foi escolhido para Bispo de Elvas e em 1817 para Bispo de Beja; em 1818 para inquisidor geral do Santo Ofício, em 1821 deputado para às cortes constituintes pelo Rio de Janeiro, falecendo em 12 de setembro do mesmo ano (HOLANDA, 1946: 15-36).

²Azeredo Coutinho tornou-se bispo de Olinda em 1798, sendo responsável pela criação do Seminário de Olinda, que atuou como um importante órgão de difusão das ideias ilustradas na colônia.

apreciações feitas por Azeredo Coutinho em favor da adoção do trem jamaicano nos engenhos campistas.³

Imagem 1

Sistema conhecido como Trem Jamaicano.



33

Fonte: VIEIRA, 1998: s.p.

³ O sistema conhecido como trem jamaicano tem uma só fornalha que alimenta todas as caldeiras, economizando lenha. O suco vai passando de caldeira a caldeira, em forno brando. No final, tem a espessura certa para ser colocado em formas de barro para endurecer (VIEIRA, 1998).

O final do século XVIII foi um divisor de águas quando se fala na produção antilhana e na nascente indústria europeia de refinação do açúcar, com mudanças que iam desde uma maior concorrência à necessidade de exportar produtos como aguardente e o melado. Certo é que alguns senhores de engenho passaram a defender a adoção de técnicas mais modernas para concorrerem no mercado com um produto mais lucrativo. Como pródigo intérprete da cultura do seu tempo, Azeredo Coutinho materializaria em seus escritos todas essas indagações e ideias. O fato de Portugal não ter mais a hegemonia sobre a produção açucareira demonstrava que os avanços técnicos começavam a caminhar de mãos dadas com a concorrência no comércio externo. Mas as tentativas de mudanças técnicas no Brasil foram uma lenta construção, embora contassem com importantes defensores. Gama lembra que a planta tradicional dos engenhos brasileiros permaneceu até o século XIX sem muitas mudanças (1979: 314).

Neste particular, embora houvesse uma baixa dos preços do açúcar e o exacerbamento da concorrência, não ocorreu um decréscimo da produção, da área cultivada ou do número de engenhos. Mesmo que os lucros tenham diminuído, não seria possível falar de estagnação. Ora, Azeredo Coutinho vinha justamente de uma região da Colônia que se revelaria pródiga na produção de açúcar, tendo mais tarde grande importância no abastecimento do mercado interno. As objeções em relação à criação por parte da Coroa de uma taxa do açúcar, que “seria uma ruína para o senhor de engenho”, antevêm as dificuldades que os produtores de açúcar teriam em investir em melhorias técnicas em parte pela indiferença e pelos impostos excessivos da política colonial, e mesmo *a posteriori* (COUTINHO, 1946: 27).

34

O açúcar como a força da Colônia

A cana-de-açúcar foi a primeira grande lavoura voltada para a exploração comercial no Brasil. Nos dois primeiros séculos de colonização, o açúcar foi o produto básico da economia. O crescimento da produção açucareira no Brasil, a partir de 1560, consolidou a posição de Portugal no mercado mundial. De 1500-1822, o Brasil exportou quinhentos e trinta e seis milhões de libras, das quais trezentos milhões foram provenientes do açúcar.⁴ Há que se ter em conta o grande aumento do consumo de

⁴ Arruda destaca que em 1650, o montante global das exportações coloniais gerou quatro milhões de esterlinos e o açúcar contribuía com três milhões e setecentos e cinquenta mil. O que no total das

açúcar na Europa provocado pelo crescimento demográfico e pelo processo de urbanização, ambos resultantes da revolução industrial que se iniciou na Inglaterra no último quartel do século XVIII (SINGER, 1969: 279). Mas a baixa gradual nos preços devido à concorrência antilhana refletiu uma preocupação maior com a posição do Brasil no mercado mundial. A partir de 1760, as colônias espanholas de Cuba e Porto Rico aumentaram expressivamente a produção de açúcar. No triênio de 1775-78, o movimento comercial do açúcar teria gerado 590 milhões de libras (BURLAMAQUE, 1862: 10-11).⁵

Não é surpreendente que a revolução em São Domingos em 1790 tenha sido vista como uma forma de renascimento do açúcar brasileiro, como de fato ocorreu durante certo período de tempo. Como se sabe, São Domingos teve um peso considerável no mercado mundial, exportando, em 1767, 114 milhões de libras tanto branco quanto mascavo, quantidade que se elevou em 1790 a 164 milhões de libras (BURLAMAQUE, 1862: 9). As guerras europeias também tiveram um importante peso devido à neutralidade de Portugal. Certamente, a decadência das minas de ouro gerou uma nova valorização do açúcar. Enfim, houve uma conjunção de fatores que colocou o açúcar novamente como a “menina dos olhos” de Portugal. Como homem de sua época e como filho de senhores de engenho campistas, era de se esperar que Azeredo Coutinho se preocupasse com as questões agrícolas e se destacasse como um dos principais oradores da causa agrícola.

Certo é que houve também influência dos senhores de engenho nortistas, uma vez que Azeredo Coutinho foi nomeado bispo de Pernambuco em 1794. Para fortalecer o açúcar, como apregoava na sua *Memória*, era necessário que a Coroa Portuguesa estimulasse a produção açucareira. Para ele, a modernização dos engenhos seria um dos principais passos para evitar as crises já frequentes que se davam na economia açucareira. Nesse sentido, as taxas representavam o revés, ou melhor, mais um atravancador para a recuperação do açúcar brasileiro. Vê-se, assim, facilmente, a relação entre a sua negativa entre taxar o açúcar e a conjuntura de crises do açúcar brasileiro no período. Durante todo o Setecentos, as colônias holandesas foram as rivais do Brasil na produção do açúcar. Essa produção modificou a estrutura do mercado externo a partir de 1726. Em 1767, a colônia francesa de São Domingos exportou 114

exportações, se confundia com as exportações de açúcar. A queda das exportações de açúcar entre 1650-1670 foi acompanhada pela retração do rendimento global das exportações (ARRUDA, 1980: 608).

⁵ Em 1728, o preço do quintal do açúcar se havia reduzido a 32 ou 33 *schillings* quando anteriormente os portugueses o vendiam a 4 ou 5 libras esterlinas (BURLAMAQUE, 1862).

milhões de libras, contabilizando a produção tanto de açúcar branco como mascavo, quantidade que se elevou até 1790 a 164 milhões de libras, ano em que ocorreu a Revolução.

Para se ter uma ideia da importância da produção de São Domingos, o preço do açúcar, em 1650, era muito alto e regulava entre 240 a 280 libras esterlinas. A exportação do Brasil orçava, nessa época, entre 120 e 150 milhões de libras. O açúcar das Antilhas produziu uma baixa gradual dos preços. Em 1728, os preços reduziram-se a 32 ou 33 *shillings* o quintal do açúcar, quando anteriormente os ingleses compravam dos portugueses a 4 ou 5 libras esterlinas. Apesar desta queda nos preços, o Brasil ainda exportou, em 1736, 80 milhões de libras, sendo que as demais colônias europeias nas Américas exportaram 170 milhões de libras (BURLAMAQUE, 1862). Assim, a revolução de São Domingos foi vista por Azeredo Coutinho como uma chance para os produtores de açúcar brasileiros.

A revolução inesperada, acontecida nas colônias francesas, é um daqueles impulsos extraordinários, com que a providência faz parar a carreira ordinária das coisas; agora pois que aqueles colonos estão com as mãos atadas para a agricultura, antes que eles principiem nova carreira, é necessário que apressemos a nossa (COUTINHO, 1946: 45).

36

Neste quadro, importa destacar a situação econômica que se enfrentava no período. De fato, a produção de açúcar brasileiro passava por percalços, como a grande desvalorização, já apontado desde a primeira metade do século XVII, na clássica obra de Frei Vicente do Salvador, “Mas que aproveita fazer-se tanto açúcar, si a copia lhe tira o valor, e dão pouco preço por ele que nem o custo se tira?” (SALVADOR, 1889: 422). Procurou-se, então, compensar o prejuízo causado pelos preços cada vez mais baixos com uma maior produção.

Como coloca Furtado, o último quartel do século XVIII, representou um período de dificuldades econômicas, sendo que as exportações caíram de cinco milhões de libras em 1760 para três milhões até a virada do século (FURTADO, 1959). Ademais, o Brasil teria um novo concorrente. Já em 1760, os produtores de açúcar cubanos decidiram fazer da Ilha a primeira produtora mundial de açúcar e café. Tal intuito foi conseguido uma vez que a comercialização de produtos agrícolas era a atividade colonial mais rentável da época (MORENO FRAGINALS, 2005: 192). Azeredo Coutinho chama a

atenção para esse fato ao pontuar uma preocupação cada vez maior com a concorrência que se avizinhava ainda mais acirrada às portas da produção açucareira do Brasil: “Desde esta época fatal para a nossa agricultura, os estrangeiros, sempre hábeis em se aproveitar dos nossos descuidos, trabalharão com todas as suas forças por nos arrancarem das mãos os nossos grandes ramos do comércio” (COUTINHO, 1946: 44).

Ademais, importa destacar que Azeredo Coutinho conclui o seu livro no período em que o ouro já se encontrava em decadência, ou seja, na década de 80 do século XVIII. O autor tinha assim aguda percepção do que a atividade mineradora significou na relação entre metrópole e colônia⁶. Como coloca Néelson Werneck Sodré, a atividade mineradora monopolizou as atenções da metrópole. Com a queda da produtividade das minas, o problema do açúcar voltou a ocupar um lugar de destaque (SODRÉ, 1967: 161-162). Nesse caso, a diversificação da produção manteve em parte as exportações. A ideia da multiplicação da cultura agrícola começou a ser vista como uma saída.

Mas a tempo em que as nossas fábricas de açúcar se achavam já há muito melhoradas, com mais de noventa e sete anos de adiantamento, do que as de todos os estrangeiros, e nós quase senhores únicos desse comércio, se descobriram, para nós desgraçadamente, as minas de ouro, que nos fizeram desprezar as verdadeiras riquezas da agricultura, para trabalharmos nas de mera representação. A riqueza rápida daquelas minas, que tanto tem aumentado a indústria dos estrangeiros, chamou a si quase todos os braços das nossas fábricas de açúcar: este cego abandono fez que elas fossem logo em decadência (COUTINHO, 1946: 42).

Há que se ter em conta que as minas tiveram um poder de atração muito grande. Vários foram os relatos que apontam a migração de pessoas ligadas a vários ofícios. Por certo a agricultura, como uma das principais fontes de divisas, sofreria certo abalo. O fluxo era composto tanto de pessoas livres quanto escravos, muitos anteriormente empregados nos engenhos. Até mesmo senhores de engenho abandonavam as suas fazendas, levando consigo os seus escravos, na esperança de fazer fortuna rápida. Em 24 de março de 1700, Artur de Sá e Meneses, governador do Rio de Janeiro, reclamava do fluxo de pessoas que estavam saindo da cidade e das povoações situadas à beira da Baía de Guanabara para as minas. Releva notar, o destaque dado a alguns profissionais

⁶ Azeredo Coutinho voltaria a tratar desta temática no “Discurso sobre o estado atual das minas do Brasil”, publicado em 1804.

como os mestres de açúcar, caldeireiros e outros profissionais dos engenhos fluminenses. Acontece, porém, que este fluxo tornava-se cada vez mais prejudicial aos engenhos da região, “acarretando irreparável dano aos moradores e à real fazenda”.⁷

Não se pense assim que as minas foram vistas com o mesmo encantamento por todos e da mesma forma. Alguns importantes atores deste momento descreveram-nas como um fator de atraso e já apontavam a agricultura como a principal riqueza da Colônia. O próprio Antonil descreveu os malefícios causados pelas minas, como a falta de mão de obra para trabalharem nos engenhos. Assim, os senhores de engenho “Não podiam tratar do açúcar, nem do tabaco, como faziam folgadoamente nos tempos passados, que eram as verdadeiras minas do Brasil, e de Portugal” (ANTONIL, 2007: 284). Mas, com a decadência das minas, a grande lavoura tornaria a desempenhar o papel principal na economia colonial. Como nota Caio Prado Junior, “O país acordara finalmente do seu longo sonho de metais e pedras preciosas” (PRADO JUNIOR, 1965:141).

Ao articularmos essa problemática com a produção açucareira, chama atenção a influência da fisiocracia. Como destaca Lucien Goldmann, as ideias preconizadas por Quesnay devem ser contextualizadas dentro da tentativa de manutenção do *status quo* frente o perigo da Revolução. Nesse caso, a exacerbação do papel da agricultura fortaleceria a nobreza.⁸ Parece-nos, diante de um pensamento tão representativo da época como a fisiocracia, que seus princípios tivessem uma boa recepção por parte desses homens, sendo muito significativo para a construção de uma defesa de uma vocação agrícola pela elite rural.

Essas ideias eram constantes na obra de Azeredo Coutinho, que defendia que as legítimas fontes de riqueza nacional eram as da agricultura, chegando mesmo a se opor ao estabelecimento de fábricas na Colônia como forma de compensar Portugal de uma defendida revisão das políticas coloniais portuguesas, com a abolição de alguns monopólios. Não é surpreendente, portanto, que a percepção de que só a agricultura era a verdadeira riqueza que Portugal poderia encontrar no Brasil foi uma constante em sua obra.

E há que se ter em conta os laços de parentesco e as redes de compadrio que ligavam o autor aos grandes produtores rurais brasileiros. É preciso que se atente para a

⁷ Correspondência dos Governadores do Rio de Janeiro, 1699-1702. Arquivo Nacional, coleção 77, livro 9, folhas 48 e 49. Apud COSTA FILHO, 1963.

⁸ O *Tableau Économique des Physiocrates* foi publicado pelo cirurgião, médico e economista francês, François Quesnay, em 1758 (GOLDMANN, 1993:100-101).

importância que o açúcar teve para o Rio de Janeiro, mesmo que esta fosse uma produção em grande parte direcionada ao abastecimento do mercado interno (FARIA, 1986). No Rio de Janeiro, em 1799, havia 616 fábricas de açúcar e 253 de aguardente, distribuídas da seguinte maneira: 228 de açúcar e 85 de aguardente pelos contornos da Guanabara; 39 e 155 respectivamente, pelos contornos de Angra dos Reis; 25 e 9 localizadas no setor sudeste (Cabo Frio), e 324 e 4 nos Campos de Goytacazes (PRADO JUNIOR, 1965).

Essas ideias foram muito significativas para a construção de uma defesa da agricultura brasileira incorporada desde o período colonial pela elite rural e que defendia a vocação agrícola do país. Portugal deveria, assim, fomentar a agricultura nas suas colônias, de modo a fazê-la progredir, o que levaria futuramente a um aumento do erário régio. Para isto, Azeredo Coutinho colocava-se contra os monopólios e privilégios, que entravavam tanto a lavoura, - a indústria -, como o comércio. A taxaço do açúcar foi percebida da mesma forma, como um entrave. Apontava que as fábricas de açúcar eram dispendiosas, pela demanda de mão de obra escrava e pelos grandes fundos necessários, ou seja, a taxa prejudicaria todos os envolvidos, o erário régio, os senhores de engenho e os comerciantes.

Do expedido fica manifesto o quanto será prejudicialíssimo a Portugal, e quase mesmo impraticável nas circunstâncias presentes, por uma taxa no açúcar, pois que sendo como é um gênero de comércio de quase todas as nações, só a convenção geral de todas as nações é que o pode regular, principalmente quando uma nação não é a só agricultora, ou a única senhora deste gênero: de outra sorte a nação, que se quiser opor a corrente das outras, ou a de ser pisada pela multidão das concorrentes, ou a de seguir o impulso, que elas lhe derem. Eis aqui a razão porque os gêneros alfandegados não podem ser reduzidos a uma taxa certa (COUTINHO, 1946: 44).

Além do mais, as concepções de Azeredo Coutinho vinham de encontro ao início de uma defasagem da produção do açúcar brasileiro frente aos seus concorrentes. A planta do engenho tradicional utilizada pelos produtores de açúcar no Brasil, que permaneceu até o século XIX, era a retangular, que geralmente possuía edifícios anexos, como a casa de purgar. Quando Azeredo Coutinho se referia aos anos de adiantamento das fábricas brasileiras, fazia menção ao período em que a estrutura açucareira implantada no Brasil inspirou, provavelmente, os engenhos antilhanos. Mas a situação

se alterou no final do século XVIII, quando a moderna estrutura de fabricação açucareira passa a ser a inglesa e a francesa e as fábricas brasileiras entram em um processo de decadência. Como coloca Rui Gama “De exportador de arquitetura o Brasil passa a importá-la” (GAMA, 1979: 66-67).

Marc Bloch, ao analisar a implantação dos moinhos d’água na Europa, delinea perfeitamente o quadro que se impôs com a generalização de uma nova estrutura produtiva. No caso dos moinhos d’água, o autor afirma que houve uma dupla coação. Primeiramente, esses senhores viram a necessidade de adotar essas inovações pela penúria de mão de obra. Em seguida, eles os impuseram duramente ao seu redor. No trabalho citado, o autor defende a ideia de “necessidade sentida”. Segundo Bloch “uma invenção só se difunde quando a necessidade social é profundamente sentida: só então a invenção torna-se coisa de rotina” (BLOCH, 1985: 67).

O processo que se deu na indústria açucareira parece compartilhar desse mesmo princípio. A decadência da produção aurífera seria grandemente responsável pelas ideias de valorização da produção agrícola, que, posteriormente, foram adotadas pela própria coroa. Como é possível perceber, a nova estrutura produtiva, mais cedo ou mais tarde, foi adotada por países concorrentes do açúcar da colônia portuguesa.

Como afirma Canabrava, o período colonial, inspirado nos princípios e práticas do mercantilismo, voltou a sua produção exclusivamente para as demandas do mercado externo. A economia colonial desenvolveu-se em torno do intercâmbio mercantil, “com o objetivo de formação de saldos da balança comercial da metrópole” (CANABRAVA, 1997: 85).

Ademais, havia de ocorrer uma concorrência muito grande, que significasse a perda do mercado externo e, claro, a perda de divisas com a decadência das minas, para ensaiar-se uma proposta de mudança na forma da exploração da terra feita até aquele momento. Os portugueses, contavam, no Brasil, com recursos naturais abundantes, bosques, terras virgens, que, embora demandassem certo capital, davam um retorno rápido, uma vez que os preços dos produtos agrícolas eram compensadores. A acirrada concorrência pelo comércio internacional do açúcar tornou irreversível o entrelaçamento entre novas técnicas, uma produção mais moderna e eficiente e a necessidade de fazer frente aos recém-criados espaços produtores de açúcar (PRADO JUNIOR, 1986).

A soma dos trabalhos⁹ como os de Azeredo Coutinho demonstra que uma parte expressiva do conhecimento que pode ser percebido como local, no sentido de que está voltado para a produção açucareira campista ou da Colônia, trazia na verdade a aplicação de técnicas que foram pensadas e postas em prática em diversos locais e que foram propagadas para outros lugares. Exemplo disso eram as constantes citações na obra de Azeredo Coutinho à famosa obra de Labat, mas também as recomendações feitas aos trabalhos de Baumé, “*Mémoire sur la meilleure manière de construire les alambics et fourneaux*”, e de Demanchy, “*L’art du distillateur. D’eaux fortes*”, e ao artigo intitulado “*Sucrierie*” na “*Encyclopédie*” (COUTINHO, 1946). Essas obras repercutiram nas redes de interlocução científica constituídas por aqueles que poderíamos chamar de intermediários da ciência e da agricultura e que se voltaram principalmente para a defesa da necessidade premente de adotar as novas técnicas agrícolas.

Assim é que se constituiu em uma das suas preocupações principais de Azeredo Coutinho chamar a atenção para os melhoramentos que estavam sendo feitos em outros locais, mas também as despesas desnecessárias pela falta de métodos na construção das fornalhas nas caldeiras nos engenhos do Rio de Janeiro. Problemas que, a seu ver, seriam facilmente contornáveis. Compreende-se assim que Azeredo Coutinho escrevesse sobre os problemas técnicos que colocavam progressivamente o açúcar brasileiro em uma posição desvantajosa frente aos novos produtores do mercado mundial. Assim, deu uma especial atenção às fornalhas. Segundo ele:

O primeiro erro consiste em deixar aberta a boca da fornalha depois de se lhe ter metida a lenha necessária; pois que devendo aproveitar-se toda a força, e atividades das chamas em fazer ferver os caldos das tachas, se perde muita parte das chamas, que retrocedem pela boca da mesma fornalha. Esse erro é fácil de remediar-se, fazendo a boca da fornalha a mais pequena possível; para com mais comodidade poder tapar com uma chapa de ferro, depois que se tiver metido a lenha necessária para conservar a chama: deve-se porém ter aberta, e desembaraçada a porta de baixo do chamado cinzeiro, para por ela entrar o ar para conduzir a chama e o fumo, até sair este pelo alto da fuminé, ou boeiro, como ali vulgarmente se chama (COUTINHO, 1946: 46).

⁹ Neste caso, podemos incluir as obras de Frei José Mariano da Conceição Velloso, Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, João Manso Pereira, dentre outras.

Aliás, impressiona a sua preocupação com o consumo de lenha em um momento em que o Brasil contava com vastas reservas florestais. Certamente o gasto deveria ser muito grande, podendo se considerar que estava fora da lógica vigente das técnicas de produção. Por outro lado, Petrone lembra que a falta de lenha já era um problema no Nordeste nos fins do século XVII. Pelo mesmo motivo, em Campo dos Goytacazes (Rio de Janeiro), no último quartel do século XVIII, dos nove engenhos abandonados, quatro o foram pela falta de lenha (PETRONE, 1968: 7).

Entende-se assim porque esse seria classificado como o segundo erro cometido nos engenhos do Rio de Janeiro.

O segundo erro consiste em meter nas fornalhas muita lenha desnecessária; e, o que é pior, grandes toros de madeira verde, que além do grande trabalho de os cortar, de os conduzir, de os meter nas fornalhas, dão um fumo tão grosso, e tão espesso, que mais serve de apagar do que aumentar a chama; Este erro tem o seu princípio na suposição de que alguns estão, de quanto mais lenha mais chama, e quanto mais chama mais fervem os caldos: porém logo que se souber que todo e qualquer líquido quando chega a ferver, não aumenta mais de calor: por exemplo a água depois de estar fervendo em borbotões, por mais que se lhe aumente o fogo, não recebe mais graus de calor; se reconhecerá que basta conservar os caldos no seu maior grau de fervura, sem que seja necessário meter mais e mais lenha, porque toda está perdida, principalmente os grandes toros verdes (COUTINHO, 1946: 40).

42

Nesse sentido, se mostrava cada vez mais um interesse gradual e progressivo pelos conhecimentos científicos na agricultura. Aliás, os homens como Azeredo Coutinho tinham clara noção da importância da aplicação desses novos métodos de produção já postos em prática pelos rivais do açúcar brasileiro e buscavam calorosamente que os mesmos fossem implantados aqui. Queremos frisar que tanto os conhecimentos científicos europeus como a ideia de importar técnicas dos produtores rivais já mereciam especial cuidado nas ideias desses homens ligados ao sistema administrativo português.

Por outro lado, dificilmente as vantagens naturais do Brasil seriam esquecidas. Azeredo Coutinho passaria a descrever a superioridade da terra e do clima brasileiro, segundo ele melhores que o das Antilhas. No caso que aqui nos interessa, impressiona que Azeredo Coutinho tenha se valido de informações tiradas do livro do padre Labat

para enaltecer a fertilidade do clima do Brasil. Pode-se supor, assim, que esse debate intelectual que se escorava em obras estrangeiras reconhecidas na época teve uma forte preocupação em pensar um projeto de construção de um futuro viável para Portugal baseado nas vantagens naturais do Brasil em relação às colônias de outros países.

Nas Antilhas, desde que se planta a cana até que se corta, se passam mais de dezoito e vinte meses; No Brasil não se passa de doze até quatorze meses (ou como lá se diz de dois marços); no que já se vê que a natureza trabalha mais em nosso favor, ao menos quase uma terça parte; e por consequência aquilo que eles fazem em três anos, nós fazemos em dois (COUTINHO, 1946: 44).

O que mais chama a atenção, no entanto, será a sua preocupação em detalhar as vantagens brasileiras, comparativamente, em relação aos outros produtores. Dessa forma, era ressaltada a extensão do Brasil, o que possibilitava alargar e escolher terrenos próprios para as canas sem limitações, enquanto os rivais brasileiros viveriam insulados, limitados e cercados pelo mar. Certo é que Azeredo Coutinho não deixaria de apontar nem mesmo os furacões que arrancavam as searas e os edifícios e causavam graves danos e perdas todos os anos. Ademais, dificultavam a navegação, gerando maiores despesas com seguros, que recaíam sobre o preço das mercadorias. Como escreve Schwartz, a lucratividade nos engenhos nesse período era muito variada, pois a agricultura dependia enormemente de fatores climáticos, podendo ser causa de falência fatores como chuvas ou secas por períodos longos, ausência de lenha, dentre outros (SCHWARTZ, 1988).

Tal confiança na prodigalidade da natureza aventava a ideia de fortalecimento da vocação agrícola da colônia nesse momento por esses atores. Assim, Azeredo Coutinho sugeria que a natureza era uma poderosa vantagem desde que se investisse na construção de fábricas com os mesmos padrões de produtividades dos rivais brasileiros, pois “temos a natureza em nosso favor, ou sempre os havemos de exceder em dobro, ou eles nos hão de ceder o campo”. Pode-se perceber que Azeredo, mais do que um bom propagandista da natureza brasileira, lhe dava uma importância essencial na retomada do mercado externo. Embora não deixasse de tratar como uma questão essencial igualmente importante a necessidade de introduzir melhorias técnicas nas fábricas, mencionando o abandono em que jaziam muitos engenhos.

Somava-se às vantagens do Brasil o fato de Portugal ainda conservar as melhores colônias de resgate de escravos, que produziam mão de obra mais barata que as outras nações. Ademais, a extensão das terras era outro fator apontado como relevante, pois propiciava as melhores terras para o plantio das canas. Não se pode esquecer que neste momento praticava-se uma agricultura transumante, explorando as terras virgens e as madeiras utilizadas tanto para as construções como para os fornos (COUTINHO, 1946: 44).

Voltando à questão das influências que encontramos na obra de Azeredo Coutinho, não há como não relevar que este período era caracterizado por uma valorização das relações entre ciência e agricultura. Este primeiro impulso deu-se na forma de associações, que já vinham caracterizando o trabalho científico na Europa desde o século XVI. Assim, a defesa da necessidade de um maior desenvolvimento da agricultura levou a criação das primeiras instituições voltadas para as ciências naturais na colônia. Demais, muitas das obras de referência produzidas nesses anos surgiram na Academia de Ciências de Lisboa, que recebeu muitos desses futuros homens de ciência provenientes da Colônia.

44

Também por influência dos novos estudos, desenvolvidos principalmente na Inglaterra e na França, os conhecimentos científicos foram adotados diretamente nos trabalhos que buscavam melhorar os ganhos econômicos da produção agrícola. Ademais, as décadas finais do século XVIII foram marcadas pelo forte caráter de mudança oriunda da Revolução Francesa e Industrial, da Guerra de Independência dos Estados Unidos, do tratado de paz de 1783, que deu um novo impulso à produção açucareira nas colônias francesas etc.¹⁰

No caso específico da Colônia, importava antes de tudo desenvolver tanto novos processos produtivos como adaptar novos produtos que atendessem ao mercado externo. A formação desta rede de ideias deveu-se em grande parte à importância que os senhores de engenho davam à educação dos seus filhos. São estes novos senhores de engenhos que vão formar associações e trazer ideias para serem aplicadas no Brasil. Essa questão já tinha sido acenada por Burlamaque, no seu *Monografia da cana-de-açúcar*.

¹⁰ Em 1789, a França se achava em atitude de dominar os mercados da Europa. O país produziu 240 milhões de libras entre açúcar branco e mascavo, introduzido nos diversos mercados pelas colônias francesas (BURLAMAQUE, 1862).

A cultura de cana é o mais antigo ramo da agricultura do país, e a ela é que devemos os primeiros elementos de prosperidade material e de civilização. Os senhores de engenho constituíram sempre o corpo da nobreza, a verdadeira aristocracia do Brasil, e até a poucos anos, eles eram os únicos que procuravam dar boa educação a seus descendentes. A esse ilustrado procedimento, apoiado por suas riquezas, é que devemos todas as notabilidades que temos tido na administração, na magistratura, nas armas e nas letras. Nossas cidades foram fundadas com os lucros do açúcar; em uma palavra, tudo quanto possuímos de melhor é devido à cultura da cana, a esse doce sal que para nós tem sido tão maravilhoso quanto à lâmpada de Aladino (BURLAMAQUE, 1862).

Além disso, a agricultura voltava a ser uma preocupação das políticas coloniais, que buscavam uma alternativa à decadência das minas. Os incentivos passavam desde produtos já explorados, como o açúcar e o tabaco, como também se buscou estimular produtos “exóticos” que criassem novos nichos de atuação de Portugal no mercado externo. Como lembra Domingues, é extremamente complicado medir a influência dos pensamentos econômicos europeus, como a fisiocracia no Brasil, uma vez que a metrópole sempre priorizou produtos voltados para a exportação. No entanto, percebe-se uma revalorização das políticas metropolitanas voltadas para o incremento da agricultura no final do século XVIII, o que geraria “a institucionalização das ciências naturais na colônia” (DOMINGUES, 1995: 19).

Esta procura por uma diversificação da agricultura foi um fator incentivador para a criação de jardins botânicos, importantes para a aclimação e classificação de novas plantas. A ciência passava a ser considerada um ponto chave para a exploração de novos recursos naturais, como já defendia Azeredo Coutinho:

(...) se deve também promover a cultura do cacau, canela, baunilha e café, todos esses gêneros dão as mãos entre si; quando se aumentar o gosto destes, tanto mais necessário se fará uma maior abundância daqueles. Todos eles nascem e produzem muito no Brasil: o café principalmente vindo do Rio de Janeiro é superior ao melhor vindo de Móca: repetidas experiências feitas por bons conhecedores lhe tem dado toda a preferência. A canela do Brasil precisa de socorro superior; seria necessário rebaixar-lhe os direitos de alfândegas, e proibir-se a que vêm do estrangeiro: e se é verdade, como se

diz, que os naturais das Molucas não estão contentes com os Holandeses, bem pode ser que esta desordem entregue mais depressa a Portugal a superioridade desse comércio, pela muita abundância com que a natureza, sem indústria nem trabalho, produz a canela no Brasil (COUTINHO, 1946: 46).

Isso não significa que alguns produtos como o açúcar deixassem de se constituir em preocupação principal nesse momento, sendo objeto de atenção promover um maior aproveitamento dos mesmos. Um exemplo foi a introdução da cana do Taiti, enviada para as plantações da Guiana Francesa, onde passou a ser conhecida como cana de Bourbon. De Caiena ela foi transportada para o Brasil, sendo chamada de Cana Caiana. Para se ter uma ideia da importância desta rede de trocas de espécies que se formou entre os países, a cana do Taiti representou um aumento da produção em torno de três vezes mais do que as canas anteriormente plantadas no Brasil.

Considerações finais

46

Nesse sentido, esse movimento em prol de uma vocação agrícola da Colônia fazia parte de um movimento específico, ou seja, o ideário que se formou em torno da noção de progresso da agricultura escorou-se em grande parte no saber científico. Alguns dos produtores rurais conheciam muito bem os avanços que ocorriam em outros países, buscavam informações em livros e manuais estrangeiros, tentando, de certa forma, aplicar os avanços nas suas lavouras.

Certas publicações deste período, além da obra de Azeredo Coutinho, deixam clara a circulação de ideias. Podemos citar *O Fazendeiro do Brasil*, obra do Frei José Mariano da Conceição Velloso, publicada em 1799, o trabalho de Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, de 1800, *Considerações cândidas e imparciais sobre o comércio do açúcar*, e *Memória sobre o método econômico de transportar para Portugal a água-ardente do Brasil*, de João Manso Pereira, publicada em 1798. Esses estudos demonstram uma preocupação grande com a agricultura da Colônia, mas, especificamente, com a lavoura canavieira.¹¹ Percebem-se similitudes no trabalho e na vida dos autores acima citados. Nascidos na Colônia, tiveram em sua formação uma grande influência do pensamento não só português, mas também europeu. Demais,

¹¹Ver: VELLOSO, 1799; ANDRADE, 1800 e PEREIRA, 1798.

consolidaram as suas carreiras em dois espaços, - Colônia e Metrópole -, e buscavam principalmente atender aos interesses de uma elite rural.

Por todas as razões acima expostas nota-se a circulação de ideias por uma rede informal, que incluía homes com profissões técnicas, e uma elite rural, como os senhores de engenho, religiosos, negociantes e administradores. As constantes manifestações, estudos e pareceres deste período, que buscavam defender a agricultura, emanavam das famílias dos grandes proprietários e agricultores. A enorme distância e as maiores dificuldades de adaptação, uma vez que tratava-se de uma colônia, não impediram a circulação das ideias ou a modificação da economia e das políticas da Coroa frente estas novas questões.

Os primeiros trabalhos voltados para a agricultura da Colônia e a criação de associações¹² demonstram a influência destes atores em Portugal. As suas ideias, muitas vezes, foram fundamentais para os rumos tomados pela Coroa em relação ao Brasil ou o contrário, - como no caso do italiano Domingos Vandelli¹³-, que influenciou profundamente os primeiros naturalistas brasileiros, nos primeiros decênios do século XIX. A par disto, considera-se possível que a obra de Azeredo Coutinho seja um reflexo deste momento, em que havia um maior estímulo à circulação de ideias, aproveitadas, na medida do possível, para a criação de redes informais que buscavam em grande parte defender os interesses dos homens ligados à agricultura. O equilíbrio que Azeredo Coutinho buscava fazer valer através de uma valorização da agricultura, responsável pelo sucesso tanto da marinha como do comércio de Portugal, foi forjado anteriormente e reapropriado na medida em que servia aos interesses da elite.

Por mais que se queira minimizar os efeitos da defesa da transferência dos modelos produtivos e tecnológicos para recuperar os tempos áureos do açúcar pela dificuldade de colocar em prática tais planos, por Portugal e sua Colônia, o que interessa apontar nesse momento é a conjuntura e os vários personagens que permitiram a circulação de ideias, experiências, técnicas e literatura. O exacerbamento dessa defesa da agricultura muitas vezes foi dado pela necessidade de cobrar respostas às demandas que a Colônia apresentava à Coroa. Certo é que a questão que se colocava para homens

¹² Estas ideias gerariam mais tarde a formação de importantes associações que possuíam como exemplo a *Société D'Encouragement à L'Industrie Nationale*, fundada em 1801, na França, pelos cientistas Chaptal, Thénard e Dumas, sendo que o seu modelo seria adotado por Portugal na Sociedade Promotora da Indústria Nacional, criada em 1822 e, mais tarde adotada no Brasil já independente, com a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, fundada em 1827.

¹³ Vandelli foi contratado por Pombal para assumir a cadeira de química na Universidade de Lisboa e era um dos discípulos de Lineu.

como Azeredo Coutinho era escrever não só sobre os avanços de uma ciência e de uma agricultura que vinham de fora, mas, principalmente, sobre o que se considerava mais adequado para fortalecer a vocação agrícola colonial.

Fontes

ANDRADE, Antonio Carlos Ribeiro de (1800). *Considerações cândidas e imparciais sobre a natureza do comércio do açúcar*. Lisboa: Oficina da casa literária do arco do cego.

ANTONIL, André João (2007). *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. São Paulo: Edusp.

BURLAMAQUE, Frederico Leopoldo Cezar (1862). *Monografia da cana de açúcar*. Rio de Janeiro: Tip. de N. L. Vianna e Filhos.

COUTINHO, José Joaquim da Cunha de Azeredo (1946). *Memória sobre o preço do Açúcar*. Rio de Janeiro: IAA.

PEREIRA, João Manso (1798). *Memória sobre o método econômico de transportar para Portugal a aguardente do Brasil, com grande proveito dos fabricantes e comerciantes*. Lisboa: Oficina de Simão Thadeo Ferreira.

SALVADOR, Frei Vicente de (1889). *História do Brasil: 1500-1627*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

VELLOSO, José Mariano da Conceição (1799). *O Fazendeiro do Brasil: da cultura da cana e fartura do açúcar*. Oficina de Simão Thaddeo Ferreira.

48

Referências bibliográficas

ARRUDA, José Jobson de Andrade (1980). *O Brasil no comércio colonial*. São Paulo: Ática.

BLOCH, Marc (1985). Advento e conquista do moinho d'água. In: GAMA, Ruy (Org.). *História da Técnica e da Tecnologia*. São Paulo: Edusp, pp. 59-87.

CANABRAVA, Alice P (1997). A grande lavoura. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Ed.) *História geral da civilização brasileira*. O Brasil monárquico – declínio e queda do Império, t. II, vol. 6. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

COSTA FILHO, Miguel (1963). *A cana-de-açúcar em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: IAA.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (1995). *Ciência: um caso de política: as relações entre as ciências naturais e a agricultura no Brasil-Império*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo.

FARIA, Sheila Siqueira de Castro (1986). Terra e trabalho em Campos dos Goytacazes. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ.

FURTADO, Celso (1959). *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.

GAMA, Ruy (1979). *Engenho e tecnologia*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

- GOLDMANN, Lucien (1993). *Ciências humanas e filosofia*. O que é a sociologia. Tradução de Lupe Cotrim Garaude e José Arthur Giannotti. 12 ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (1946). Azeredo Coutinho. In: COUTINHO, José Joaquim da Cunha de Azeredo (Org.). *Memória sobre o preço do açúcar*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool.
- MORENO FRAGINALS, Manuel (2005). *Cuba; Espanha; Cuba: uma história Comum*. Trad. Ilka Stern Cohen. São Paulo: Edusc.
- PETRONE, Thereza Schorer (1969). *A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- PRADO JUNIOR, Caio (1965). *Formação do Brasil Contemporâneo*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ____ (1986). *História econômica do Brasil*. 5 ed.. Rio de Janeiro: Círculo do Livro.
- SCHWARTZ, Stuart (1988). *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. Trad. Laura Teixeira Mota. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- SINGER, Paul (1969). *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional/Edusp.
- SODRÉ, Néelson Werneck (1967). *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- VIEIRA, Alberto (1998). *Projeto cinco séculos de açúcar na madeira*. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0133b6.htm>>. Acesso em: 20 de out. 2014.

Artigo recebido em 27 de outubro de 2014.

Aprovado em 5 de dezembro de 2014.